

A construção *na hora que* sob a ótica da sociolinguística variacionista¹

Diego Minucelli Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
diegominucelli@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1626>

Resumo

Com base na visão sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), objetiva-se investigar, entre as diferentes formas de *na hora que*² (*na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*), se há uma distribuição sociolinguística definida, caracterizando um fenômeno variável no sentido laboviano, ou se o uso dessas diferentes formas apenas reflete uma redução fonética (LEHMANN, 1982; HEINE et al., 1991) que afeta a locução em processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para a análise dos dados, extraídos do Banco de dados Iboruna, foram considerados quatro fatores sociais: *gênero*, *faixa etária*, *nível de escolaridade* e *renda familiar* do informante. Os resultados mostraram que não há diferenças sociolinguísticas significativas entre as formas, mas indícios de que elas sejam microconstruções em processo de mudança.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; mudança linguística; construcionalização.

The construction *na hora que* [by the time] from the variationist Sociolinguistic perspective

Abstract

Based on the variationist Sociolinguistic view (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), this article aims to investigate, between the different forms of *na hora que* [by the time] (*na hora em que* [by the time that], *na hora que*, *a hora que*, *hora que* [when]), whether there is a defined sociolinguistic distribution, characterizing a variable phenomenon in the Labov's sense, or if the use of these different forms only reflects a phonetic reduction (LEHMANN, 1982; HEINE et al., 1991) that affects the phrase in constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). For the data analysis, extracted from the Iboruna database, four social factors were considered: *gender*, *age*, *education level* and *family income* of the interviewee. The results showed no significant sociolinguistic differences between the forms, but there are evidences that these forms are micro-constructions in changing process.

Keywords: Variationist Sociolinguistic; linguistic change; constructionalization.

¹ A primeira versão deste trabalho foi elaborada como trabalho de disciplina de pós-graduação intitulada “A mudança linguística na perspectiva variacionista”. O estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, que vem sendo desenvolvida, sobre a construcionalização da locução *na hora que*.

² Apesar de *na hora em que* ser a forma mais completa da construção, optou-se por utilizar *na hora que* como representativa de todas as formas do item (*na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*), por ser, entre as formas com maior número de ocorrências, a que preserva o maior número de itens da forma original.

Introdução

As constantes mudanças pelas quais passam a língua resultam ora de inovações completas, ora de renovações, de novos usos conferidos a palavras já conhecidas pelos falantes (MEILLET, 1948). Esta segunda situação, que revela um reaproveitamento do vocabulário linguístico, tem sido fruto de inúmeras pesquisas, dada a vasta quantidade de novos usos empregados a palavras já existentes no léxico. Muitas dessas pesquisas sobre mudança linguística têm sido feitas tanto no Brasil quanto no exterior, baseadas em abordagens funcionalistas, e vários estudos sob essa perspectiva demonstram que os advérbios e locuções adverbiais são fonte para o desenvolvimento de conectivos oracionais. Entre esses estudos, apenas para citar alguns, estão as pesquisas de Hopper e Traugott (1993), Braga (1999a, b; 2001a, b), Lima-Hernandes (2000; 2004) e Oliveira (2012; 2013).

No português brasileiro, a unidade linguística *na hora que* tem apresentado características de locução conjuntiva de tempo, como apontam os exemplos de (01) a (04), em que estão presentes outras formas dessa construção (*na hora em que*, *na hora que*, *a hora que*, *hora que*). Esse funcionamento de *na hora que* indica que sua formação e seu funcionamento atual no português podem ser resultado de um processo de mudança linguística, que teria transformado em locução conjuntiva o sintagma preposicionado [na hora] modificado por uma oração relativa iniciada pelo pronome *que*:

- (01) “geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... *na hora em que ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r)*” (IBORUNA-AC-080)
- (02) “você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... *na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada*” (IBORUNA-AC-106)
- (03) “ai eu eu sempre de(i)xo num estacionamento d’um:: supermercado o:: meu carro ai eu desço a pé até o banco... e:: era umas três:: e quinze três e meia da tarde... êh:: eu fui dá(r) uma/ eu de(i)xei ele saí fui po banco... *a hora que eu tava manobran(d)o... manobran(d)o o carro pra estacioná(r)*... êh:: três pessoas... *abriram a porta do meu carro*... êh:: um do meu LAdo do lado do passage(i)ro e entrô(u) mais dois atrás e colocô(u) um revólver na minha cabeça... e::... ai:: assim mandô(u) ficá(r) quieto” (IBORUNA-AC-077)
- (04) “Ela arremessô(u) a faca eu num senti NADA num doeu NADA NADA NADA... *hora que eu vi tava jorran(d)o sangue*... acho que POR DEUS que tinha uma toalha de banho (ela apertô(u)) (inint.) e (saímos) pro postinho” (IBORUNA-AC-027)

Além disso, como é sabido, a mudança linguística pode ser fruto de um confronto entre duas ou mais variantes linguísticas. Em uma visão variacionista, o novo uso de uma palavra que já faz parte do inventário lexical pode apresentar variações, por estar concorrendo com uma palavra já existente no léxico. O resultado dessa “competição” entre formas variantes pode levar à instauração de uma mudança, com a permanência de apenas uma das formas no sistema linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). A cada uma das formas variantes, como prevê a

abordagem laboviana, poderão estar correlacionados fatores sociais que serão responsáveis por definir o equilíbrio da variação, conduzindo a uma situação de “variação estável” ou efetivamente de “mudança linguística”, nos termos de Labov (op. cit.).

Neste trabalho, busca-se analisar se ao emprego da construção³ *na hora que* e suas diferentes formas mais e menos reduzidas, a saber, *na hora em que*, *na hora que*, *a hora que* e *hora que*, associam-se fatores sociais específicos, de modo que se possa falar em situação de variação entre duas ou mais dessas formas. Caso essa associação não se observe, é provável que a existência dessas diferentes formas seja resultado de *atrição fonológica* (LEHMANN, 1982) ou, nos termos de Heine et al. (1991), *erosão fonética*, que afeta a locução em processo de mudança via construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), conforme será detalhado adiante. Os dados analisados são representativos do português falado no interior paulista, como também será mais bem detalhado na segunda seção deste artigo.

O texto encontra-se dividido em quatro partes: em um primeiro momento, serão apresentados aspectos teóricos que nortearão as análises: a sociolinguística variacionista e o processo de construcionalização. Na sequência, apresentam-se o corpus e a metodologia de análise. Na terceira seção, apresentam-se os resultados da análise dos dados e discutem-se os encaminhamentos indicados por esses resultados em relação às duas hipóteses de investigação mencionadas anteriormente. Por fim, na última seção do texto, encontram-se as considerações finais.

1 Aspectos Teóricos

1.1 A variação em perspectiva sociolinguística

A língua, como suporte para a transmissão das informações que o falante deseja expor, é um ambiente propício a inovações e, também, a possíveis conflitos entre diferentes formas com mesmos significados. Tanto as inovações quanto os conflitos ocorrem no uso, uma vez que é de forma espontânea e natural que o inventário de palavras do indivíduo é colocado em prática, ou seja, em um contexto de uso, as possíveis inovações ou variações ocorrem naturalmente, impulsionando a evolução e a constante mudança da língua (LABOV, 2008).

A sociolinguística é a disciplina responsável pelo estudo da língua em seu contexto de uso na comunidade de fala. Alkmim (2012, p. 33) afirma, nesse sentido, que:

[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de

³ O termo *construção* é entendido com base na perspectiva construcional, segundo a qual a língua é composta de construções, que são formadas por um pareamento de forma e de significado (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006).

redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

É importante destacar que, segundo Alkmim (2012), em razão da grande quantidade de variedades, naturalmente, algumas se impõem a outras, não recebendo o mesmo prestígio de seus falantes. A variedade padrão, então, tende a ser a considerada culta por alguns e a exigida em situações mais formais. O prestígio que algumas variedades recebem, porém, não anula a existência de outras, que, por serem reflexo de fatores sociais, podem, muitas vezes, ser mais recorrentes em uma comunidade de fala em geral do que as variedades de prestígio mais elevado.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126) afirmam, como um dos princípios gerais da mudança linguística, que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Com isso, eles demonstram que, se a língua passa por uma mudança, então certamente há um período em que duas variantes estão em disputa. No entanto, nem toda variação implica mudança linguística. Outros fatores, como os fatores sociais *idade, gênero, classe social e grau de escolaridade* podem interferir no processo, definindo uma situação de simples variação estável ou efetivamente de mudança linguística.

Na perspectiva laboviana, essa interferência de fatores sociais fundamenta-se no grau de prestígio das variantes nas comunidades em que são empregadas. Assim é que, sempre em correlação com os resultados de outros fatores sociais, a faixa etária dos informantes pode indicar que a variável se encontra em situação de variação estável se há predomínio no emprego da variante estigmatizada por falantes que representam as faixas etárias intermediárias. Se o que se observa é, por outro lado, um padrão caracterizado por maior frequência de uso da forma inovadora por falantes mais jovens, tem-se a indicação de um processo de mudança em andamento (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972).

Do mesmo modo, os fatores *gênero, classe social e escolaridade* indicam a natureza da variação linguística na comunidade investigada a partir da noção de prestígio. Nesse sentido, a distribuição equilibrada de uma forma inovadora na fala de informantes tanto do gênero feminino quanto masculino, de falantes pertencentes tanto a níveis mais baixos quanto a mais altos da sociedade e com grau de instrução mínimo e elevado são caracterizadores de variação estável. Por outro lado, a frequência predominante de uma das variantes em análise por um dos grupos sociais é reveladora de um processo de mudança em curso ou já instaurada na comunidade linguística. Assim, novamente em razão do grau de prestígio social adquirido pela forma linguística, há indício de uma *mudança em progresso* se o emprego de uma forma inovadora é mais frequente na fala de homens com baixo grau de escolaridade e representantes de estratos econômicos mais baixos da sociedade; e há evidência de uma *mudança instaurada* se o emprego da forma inovadora já se encontra fixado como padrão na fala de mulheres e/ou de falantes com graus de escolaridade mais elevados e pertencentes a níveis socioeconômicos mais altos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972).

Ressalte-se que, para o fenômeno aqui em estudo, a forma de maior prestígio equivaleria àquela que possui mais itens da forma fonte (*na hora em que*) e,

supostamente, as de menor prestígio seriam, assim, as que reduzem esses itens sucessivamente, isto é, *na hora que, a hora que e hora que*.

1.2 Construcionalização

A construcionalização é um processo de mudança linguística que tem como base a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Fundamentando suas descrições conjuntamente em propriedades formais e funcionais, em uma perspectiva que é, portanto, antimodular, a Gramática de Construções constitui uma teoria geral de representação sintática que reconhece que a forma básica de uma estrutura sintática é uma *construção*.

As construções são formadas, segundo Croft (2001), por um pareamento de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) e são organizadas nos sistemas gramaticais de modo a formar uma rede construcional. Abaixo, encontra-se a representação esquemática de uma construção, de acordo com Croft (2001):

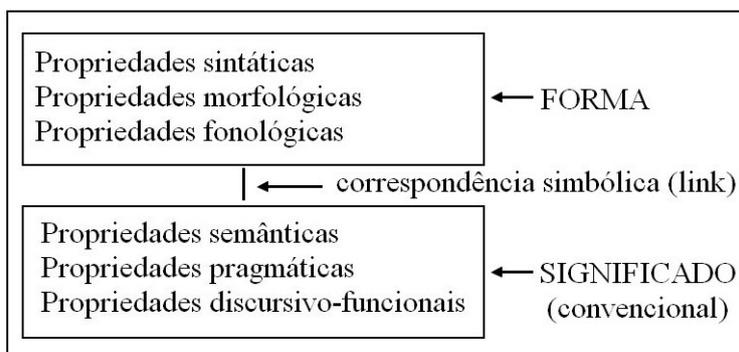


Figura 1. Modelo de representação simbólica da construção

Fonte: Croft (2001, p. 18)

Por meio das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, o significado, como observado na Figura 1, representa todos os aspectos convencionalizados da função da construção, os quais, conectados aos seus aspectos formais por um *link* de correspondência, constituem, juntos, uma unidade simbólica de forma e função, o que equivale exatamente a uma construção.

Com base no conceito de construções, a evolução da língua, por meio de mudanças gramaticais, é vista como resultado de uma mudança construcional. Esse tipo de mudança assume o conceito de construção como um pareamento de forma e significado no sentido de Croft (2001).

A construcionalização, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), é um processo de mudança linguística por meio do qual há combinação de novos signos, formando um novo pareamento de forma-significado e, portanto, criando uma nova construção. Nas palavras dos autores:

Construcionalização é a criação (combinação) de novos signos forma_{nova}-significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e

composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem ser criadas gradualmente, mas podem também ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser de procedimento, e as criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo⁴ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21-22, tradução nossa).

Resultado de reanálises sequenciais de forma e de significado, a construcionalização, nos termos de Traugott (2012), seria, desse modo, acompanhada por mudanças no grau de *esquematicidade*, que equivale a aumento ou diminuição de abstração semântica e sintática da construção, no grau de *produtividade*, ou seja, no desenvolvimento de novos tipos de construção ou na extensão de padrões já existentes para novos tipos e, no grau de *composicionalidade* da forma, o que equivale a dizer no nível de acesso semântico das subpartes que integram a construção.

A redução fonética, que está intimamente ligada à mudança no grau de composicionalidade das formas, é um processo que pode atingir a construção e que possibilita a identificação da gramaticalização de uma forma (LEHMANN, 1982). No eixo paradigmático proposto por Lehmann (2002), a redução fonética, chamada pelo autor de *atrição fonológica* (*phonological attrition*), atinge o item linguístico, modificando seu peso paradigmático. Da mesma forma, a mudança no grau de composicionalidade, proposto por Traugott (2012), também atinge a construção, tornando-a mais convencionalizada e menos composicional.

No caso de *na hora que* e suas diferentes formas, a redução fonológica, com o apagamento gradual da preposição *em*, antes e depois do N [hora], e do determinante [a], seria um indício de que a construção estaria se tornando cada vez menos composicional. Seguindo a direção da redução fonológica, as formas da construção passariam a ser cada vez mais interpretadas como uma locução conjuntiva e menos como um sintagma nominal determinado e modificado por uma oração relativa. Nesse sentido, *hora que*, que apresenta maior grau de atrição fonológica e possui seus itens mais integrados uns aos outros, seria a forma menos composicional.

2 Procedimentos Metodológicos

2.1 Material de investigação

O material de investigação utilizado neste estudo foi constituído a partir do banco de dados IBORUNA, representativo da fala da região Noroeste do estado de São Paulo. O cópua para este estudo é formado por todos os inquéritos da Amostra Censo, composta de 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente, cada uma dividida em cinco tipos de texto: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. No total, foram coletadas 287 ocorrências com as quatro formas de *na hora que*.

⁴ Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21-22).

2.2 Metodologia

A língua, segundo Labov (2008), é uma forma de comportamento social e se desenvolve num contexto social no momento em que os seres humanos comunicam suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p. 140).

Dessa forma, segundo a perspectiva sociolinguística, as análises feitas sobre o funcionamento da língua devem levar em consideração os fatores sociais nos quais se insere, de modo a estabelecer o contexto de uso e observar seu real funcionamento frente a esses fatores. Nesta análise, os seguintes fatores sociais serão considerados, já clássicos nos estudos sociolinguísticos:

- 1) Gênero do informante: *masculino, feminino*;
- 2) Faixa etária: *7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, mais de 55 anos*;
- 3) Nível de escolaridade: *1º ciclo do ensino fundamental, 2º ciclo do ensino fundamental, ensino médio, ensino superior*;
- 4) Renda familiar: *até 6 salários mínimos, de 6 a 10 salários mínimos, de 11 a 24 salários mínimos, acima de 25 salários mínimos*;

Depois de tabulados, os dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF; SMITH; TAGLIAMONTE, 2005), para a obtenção da distribuição percentual das ocorrências⁵.

3 Análise de dados

A Tabela 1, abaixo, apresenta a distribuição de ocorrências de cada forma e sua respectiva porcentagem em relação ao total de dados. Como pode ser observado, há apenas 1 ocorrência de *na hora em que*, o que evidencia o apagamento frequente da segunda preposição na formação da locução conjuntiva.

Tabela 1. Quantidade de ocorrências de acordo com sua forma

Na hora em que		Na hora que		A hora que		Hora que	
1	0,3%	84	29,3%	161	56,1%	41	14,3%

A perda da preposição “em” pode ser vista como um fato que reforça o estatuto de locução conjuntiva temporal de *na hora (em) que*. A estrutura completa de uma oração subordinada adjetiva relativa conta com a preposição e o pronome (*em que*), diferentemente das formas mais conjuncionais, em que “em” não aparece e o estatuto pronominal de *que* se torna obscurecido.

⁵ Para este trabalho, não foram gerados os pesos relativos dos fatores por não se tratar de variável binária. Foram consideradas, assim, para esta etapa do estudo, apenas as frequências percentuais das ocorrências.

A forma *na hora em que*, que está composta por todos os elementos da construção (*prep + det + N_{temporal} + prep + que*), será apresentada isoladamente, por ter ocorrido apenas uma vez em todo o banco de dados. A ocorrência em questão é a transcrita abaixo:

- (05) “geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... *na hora em que* ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r)” (IBORUNA-AC-080).

No Quadro 1, estão descritos os fatores associados à ocorrência que, conforme se nota, é empregada por um falante do gênero feminino, adulto, com ensino médio completo e renda familiar média:

Quadro 1. Fatores sociais da construção *na hora em que*

Fatores	Na hora em que
Gênero do informante	Feminino
Faixa etária	26 a 35 anos
Escolaridade	Ensino médio
Renda familiar	Até 5 salários mínimos

Como *na hora em que* ocorreu apenas uma vez no banco de dados, não é seguro afirmar que as características descritas são, de fato, as mais frequentes na forma completa da construção. Desta forma, a análise dos fatores a seguir ocorrerá sem a presença dessa forma, evitando que os resultados sejam possivelmente enviesados por essa ocorrência.

3.1 Gênero do informante

Neste primeiro fator, que reflete o uso das formas da construção pelos gêneros masculino e feminino, os resultados revelam que *na hora que* e *a hora que* apresentam a maior parte de suas ocorrências reproduzidas por mulheres, enquanto *hora que* possui pouco mais de 50% de suas ocorrências por falantes do gênero masculino. Os resultados percentuais estão expostos na tabela 2.

Tabela 2. Gênero do informante

	Na hora que	A hora que	Hora que
Masculino	36 / 42,9%	74 / 46%	22 / 53,7%
Feminino	48 / 57,1%	87 / 54%	19 / 46,3%
TOTAL	84 / 100%	161 / 100%	41 / 100%

Apesar de a forma *hora que* apresentar a maior parte de suas ocorrências na fala de informantes do gênero masculino, em valor absoluto, essa diferença significa apenas três ocorrências, o que é pouco para afirmar a existência de variação nesse caso.

Também nas outras duas formas, *na hora que* e *a hora que*, nota-se certo equilíbrio, principalmente em números absolutos, entre o emprego das formas por homens e mulheres na comunidade investigada. De todo modo, os resultados apontam

que homens e mulheres preferem a forma intermediária *a hora que*, e que a forma menos reduzida foneticamente (*na hora que*) é mais empregada na fala de mulheres, mais resistentes a mudanças e mais sensíveis ao prestígio linguístico das formas, conforme considera Labov (2008).

3.2 Faixa etária

Em relação à faixa etária dos informantes, existe uma distribuição de valores muita aproximada entre as idades para as formas *na hora que* e *hora que*. *Na hora que* tem suas ocorrências concentradas na faixa que vai dos 16 aos 25 anos, mas em todas as outras faixas etárias há percentuais de ocorrência muito próximos, entre 15% e 19%, como se observa na Tabela 3.

Tabela 3. Faixa etária

	Na hora que	A hora que	Hora que
7 a 15 anos	16 / 19%	4 / 2,5%	3 / 7,3%
16 a 25 anos	23 / 27,4%	9 / 5,6%	11 / 26,8%
26 a 35 anos	16 / 19%	72 / 44,7%	12 / 29,3%
36 a 55 anos	16 / 19%	41 / 25,5%	11 / 26,8%
Mais de 55 anos	13 / 15,5%	35 / 21,7%	4 / 9,8%
TOTAL	84 / 100%	161 / 100%	41 / 100%

Com o gráfico abaixo, é possível observar que *na hora que* tem suas ocorrências distribuídas de forma equilibrada pelas faixas. *A hora que*, apesar de possuir várias ocorrências distribuídas entre os falantes adultos, incluindo os mais velhos, possui baixa frequência na fala de crianças e jovens. *Hora que*, a forma mais reduzida, possui maior frequência na fala de jovens, adultos e jovens adultos, mas baixa frequência na fala de crianças e pré-adolescentes e de informantes mais velhos.

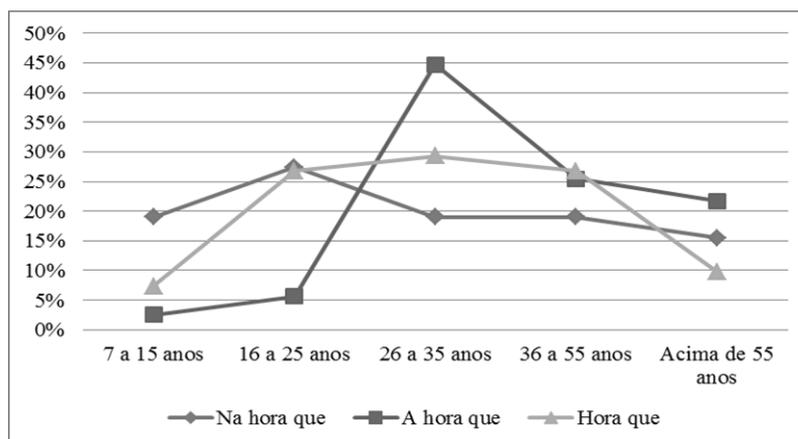


Gráfico 1. Distribuição das formas de acordo com a faixa etária

A forma *a hora que* parece ser a mais neutra, mais conservadora, já que está presente na fala de informantes que tendem a preservar as variantes menos inovadoras (os falantes mais velhos), ou que preferem as formas não estigmatizadas em razão da pressão exercida pelo mercado de trabalho em que estão inseridos ou em vias de inserção (26 a 35 anos), conforme propõe Labov (2008).

Já *hora que*, a alternante mais reduzida, parece ser de fato a forma mais inovadora, pois ocorre com relativa frequência (considerando o total de dados dessa forma) na fala de adolescentes e jovens (16 a 25 anos), em que o uso de formas inovadoras é propício (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980), e na fala de jovens adultos e adultos, o que pode ser indício de que o possível estigma social atrelado à forma mais reduzida não seja tão marcado na comunidade.

A baixa ocorrência na fala de crianças e de informantes mais velhos indicia, por outro lado, que a forma mais reduzida ainda não tenha, na comunidade investigada, o estatuto de mudança geracional, já que não foi significativamente adotada pelos mais velhos, nem é parte da gramática da criança. Como explica Labov (1994), a mudança geracional ocorre quando uma determinada forma permanece por toda a vida do falante. O fato de não haver um índice significativo na fala dos mais velhos e, também, na das crianças, indica que, até o momento, a forma *hora que* ainda não atingiu esse estatuto de mudança geracional.

3.3 Escolaridade

Quanto à escolaridade, *na hora que* apresenta maior frequência de ocorrência (36,9%) na fala de indivíduos com o ensino médio completo, assim como *a hora que*, que apresenta 40,4% das ocorrências em dados de informantes com esse grau de escolaridade. *Hora que*, ao contrário, possui a maior parte de suas ocorrências em dados de falantes com o 1º ciclo do ensino fundamental, perfazendo 36,6% das ocorrências, como mostram os resultados na tabela abaixo:

Tabela 4. Escolaridade

	Na hora que	A hora que	Hora que
1º Ciclo do Ensino Fundamental	11 / 13,1%	26 / 16,1%	15 / 36,6%
2º Ciclo do Ensino Fundamental	24 / 28,6%	36 / 22,4%	10 / 24,4%
Ensino Médio	31 / 36,9%	65 / 40,4%	9 / 22%
Ensino Superior	18 / 21,4%	34 / 21,1%	7 / 17,1%
TOTAL	84 / 100%	161 / 100%	41 / 100%

Esses resultados revelam, portanto, que *na hora que* e *a hora que*, que são as formas que preservam mais elementos da construção, aparecem com mais frequência na fala de informantes com maior grau de escolaridade, possuindo, inclusive, uma distribuição equilibrada entre as células. A forma mais reduzida, por outro lado, predomina em ocorrências representativas de informantes com menor grau de escolaridade, o que reforça a interpretação de que esta seja a forma mais inovadora. De acordo com Camacho (2012, p. 64-65), percebe-se a vinculação existente entre o grau de prestígio de uma variante na comunidade e a escolarização formal, já que:

É óbvio que a distribuição de valores sociais se torna institucionalizada pela elevação de uma variedade de prestígio à condição de norma padrão que, como tal, passa a ser veiculada no sistema escolar, nos meios de comunicação, na linguagem oficial do Estado etc. O mecanismo é simples: como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder político das instituições, em virtude do poder emanado das relações econômicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular a língua à variedade com a qual mantêm maior contato.

Há, portanto, em relação a esse fator, indicação de que a forma inovadora seja a que contém menor material fonético e de que ela seja, na comunidade investigada, a forma que, de certo modo, é desprestigiada e tem uso mais restrito na fala de informantes com maior grau de escolaridade.

3.4 Renda familiar

O último fator a ser analisado é a renda familiar dos informantes. Os resultados indicam que, em relação à forma *na hora que*, as classes com maiores rendas apresentam menor uso da construção, o que não ocorre com *hora que*, que concentra suas ocorrências exatamente na fala de informantes pertencentes a classes com maiores rendas. Os resultados percentuais estão expostos na Tabela 5.

Tabela 5. Renda familiar

	Na hora que	A hora que	Hora que
Até 5 salários mínimos	30 / 35,7%	39 / 24,2%	9 / 22%
6 a 10 salários mínimos	29 / 34,5%	45 / 28%	8 / 19,5%
11 a 24 salários mínimos	12 / 14,3%	35 / 21,7%	12 / 29,3%
Mais de 25 salários mínimos	13 / 15,5%	42 / 26,1%	12 / 29,3%
TOTAL	84 / 100%	161 / 100%	41 / 100%

É necessário, no entanto, que esse fator seja investigado mais detalhadamente, mesmo que ele não se mostre tão significativo para a indicação de maior ou menor prestígio das formas analisadas quanto o fator *grau de escolaridade*, em razão do baixo número de ocorrências em algumas das células. De todo modo, não se pode desconsiderar que não há correlação direta necessária entre os fatores renda familiar e grau de escolaridade dos informantes porque, embora seja uma tendência, nem sempre graus de escolaridade mais altos correlacionam-se diretamente a rendas familiares mais altas, e vice-versa, principalmente em se tratando dos níveis intermediários (Fundamental II e Ensino Médio).

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se analisar as formas da construção *na hora* com base na abordagem da sociolinguística variacionista e na abordagem cognitivo-funcional, procurando compreender se as formas da construção são variantes ou se são apenas diferentes formas de uma mesma construção que estão passando por um estágio de mudança construcional.

Os resultados mostraram que não há diferenças sociolinguísticas marcadas na comunidade, mas há indícios de que as formas (mais e menos reduzidas) são microconstruções em mudança gradual rumo a uma construção mais ampla, possivelmente formada por *N + que*.

Na variedade do português analisada, as diferentes formas parecem estar correlacionadas a uma distribuição gradual por fatores sociais, ou seja, quanto mais integral, menos reduzida a forma, maior é a sua associação a fatores sociais indicativos de variantes mais conservadoras e de maior prestígio, como é o caso de *na hora que* e *hora que*, que possuem maior frequência em faixas etárias de informantes mais velhos e

níveis mais elevados de escolaridade. Inversamente, quanto menos reduzida a forma, maior a sua associação a fatores indicativos de variantes mais inovadoras, como ocorre com *hora que* ao aparecer com maior frequência na fala de informantes com nível de escolaridade mais baixo (Ensino Fundamental I).

Essa distribuição gradual parece refletir, assim, a possível gradualidade dessas formas no processo de construcionalização, isto é, do seguinte percurso das microconstruções envolvidas: *na hora que* > *a hora que* > *hora que*. Como parte do significado de cada microconstrução, estariam assim atrelados fatores social-discursivos, que se resumem a:

Na hora que: [+ **mulheres**, - homens]

[+ crianças, + adolescentes, + adultos, + idosos]

[- escolaridade baixa, + **escolaridade alta**]

[+ **renda familiar baixa**, + **renda familiar média**, - renda familiar alta]

A hora que: [+ **mulheres**, - homens]

[- crianças, - adolescentes, + **adultos**, + **idosos**]

[- escolaridade baixa, + escolaridade alta]

[+ renda familiar baixa, + renda familiar média, + renda familiar alta]

Hora que: [- mulheres, + **homens**]

[- crianças, + **adolescentes**, + **adultos**, - idosos]

[+ **escolaridade baixa**, - escolaridade alta]

[+ renda familiar baixa, + renda familiar média, + renda familiar alta]

A forma mais reduzida da locução, *hora que*, seria, portanto, aquela que estaria em estágio mais avançado da mudança construcional e que apresentaria o maior grau de inovação na comunidade investigada, resultado que servirá como parâmetro para o aprofundamento da pesquisa sobre a construcionalização de *na hora que* no português.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.

BRAGA, M. L. As orações de tempo sob uma perspectiva funcionalista. In: RODRIGUES, A. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (Org.). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, 1999a. p. 97-108.

_____. Os Enunciados de Tempo no Português Falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VII: Novos Estudos. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999b. p. 443-459.

_____. Os Enunciados de Tempo no Português de Contato. *Letras de Hoje*, PUC-RS, v. 3, p. 7-18, 2001a.

_____. Processos de combinação de orações: enfoques Funcionalistas e Gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte: PUC-MG, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2001b.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: São Paulo (Estado) SE/CENP. *Subsídios à proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º e o 2º Graus* (Coletânea de textos). v. 1. São Paulo, SE/CENP/UNICAMP, 1988. p. 29-41.

_____. Sociolinguística: parte 2. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.

_____. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. London: University Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.

HEINE, B.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. O estudo da língua em seu contexto social. In: _____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008. p. 215-299.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1982.

LIMA-HERNANDES, M. C. Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo. In: GARTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERG, A. (Org.). *Estudos de sociolinguística portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 74-75.

_____. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. *Veredas*, v. 8, n. 1 e 2, p. 183-194, 2004.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion, 1948. p. 130-148.

- NEVES, M. H. M. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 223-269.
- OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-152.
- _____. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, v. 42, n. 1, p. 148-162, 2013.
- SANKOFF, D.; SMITH, E.; TAGLIAMONTE, S. A. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TRAUGOTT, E. C. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*. To appear in: SMIRNOVA, E.; BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; SOMMERER, L. (Ed.). *Historical Construction Grammar*. 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/150342997/Traugott-2012>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. A língua como um sistema diferenciado. In: _____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 29/08/2016

Aprovado em: 29/12/2016